

NUMISMATAS CONTEMPORÂNEOS — N.º 3

FRANCISCO AUGUSTO DOS SANTOS

por RAUL GONÇALVES

O sentimento que designamos por este pequeno vocábulo de quatro letras — AMOR — que todos conhecemos e de que todos falamos, é muito difícil de traduzir por palavras dado que nele entram, como componentes activos, elementos vários, uns de ordem física, outros de base psíquica e ainda outros de carácter fisiológico, inerentes às mais variadas funções. Desde a atracção entre dois seres de sexo diferente conduzindo à união especialmente efectuada para a realização da tarefa biológica da perpetuação da espécie, amor em reciprocidade, até a esse outro, grande e sublime, de carácter individual, que culmina no fervor religioso da glorificação da divindade de Deus, muitas outras formas de amor se patenteiam através dos mais variados actos da pessoa humana. O amor do próximo, o amor da Pátria, o amor do torrão natal (bairrismo), o amor da família, o amor pela arte nas suas mais variadas expressões, tais como a música, a pintura, a escultura, etc., são elementos válidos e de incontestada representatividade destas formas intermediárias do amor.

Mas por quê estas considerações quando nos propomos esboçar em breves linhas a biografia numismática de Francisco Augusto dos Santos?

Apenas porque neste homem simples e despretencioso que em todos os actos da sua vida, de uma actividade enorme, pretendendo sempre passar despercebido, concorrem várias nuances deste amor, que veem a culminar, como não podia deixar de ser, pelo amor à sua Pátria e à sua terra natal, particularmente no interesse especial que viria a despertar em si, pelo que respeitaria ao seu passado histórico, na recolha de documentos o que iria desembocar na prática do amor pelo coleccionismo, particularmente na parte concernente à numismática.

Francisco Augusto dos Santos nasceu na freguesia de S. Nicolau, da cidade do Porto a 20 de Junho de 1913.

Filho de um modesto 1.º Cabo da Guarda Fiscal, que durante muitos anos prestou os seus serviços à Nação na Alfândega do Porto, e residindo nas Escadas das Sereias, sobranceiras ao rio Douro, encontrou aí ambiente propício, atingida a mocidade, para o devaneio dos seus sonhos de jovem; a alfândega, onde perdeu muitas horas dos seus

lazer de menino, por onde passavam tantas e tão desvairadas gentes, vindas das mais variadas e longínquas terras, gentes que exibiam tantas e curiosas espécies monetárias tão diferentes das nossas a despertar a sua curiosidade de menino para o fenómeno numismático, as Escadas das Sereias, a conduzir lá no alto, ao Palácio com o mesmo nome; a proximidade de Monchique, onde se albergavam as Donas e Sórores, Madres e devotas Irmãs, celebrizado nos tempos modernos por Camilo Castelo Branco, no mais popular dos seus romances «O Amor de Perdição», com a Tereza olhos razos de lágrimas a velarem-lhe a admirável paisagem, sempre bela, que nos patenteia a luta do indomável Douro, com o oceano, lenço branco a acenar, no seu último adeus a Simão, até se esfumar no horizonte a nau que o levava para longe dos seus olhos e do seu coração. Palácio das Sereias, Convento de Monchique e ainda o Monte dos Judeus, onde a tradição teima em querer localizar o Cemitério Hebraico, terão sido «habitat» propício com factores determinantes pela sua magia e cores naturais, a carismarem uma personalidade talvez desde a infância orientada no sentido de interpretar por actos o fenómeno do coleccionismo.

Francisco Santos, cedo teve de encarar o lado positivo da vida. De família economicamente débil, seu pai servia o Estado e o funcionalismo público que, neste país, sempre teve salários que não permitiam largos voos, particularmente no capítulo educacional, depois de ter feito o seu exame da 4.^a classe na escola oficial de S. Nicolau, frequentou o Liceu de Rodrigues de Freitas, instalado no edifício da Rua de S. Bento da Vitória onde hoje funciona a Polícia Judiciária, até ao terceiro ano.

Necessitando de empregar-se, e, como ao tempo os liceus só tinham curso diurnos, transitou para a Escola de Oliveira Martins quando ainda estava instalada no Palácio da Bolsa, depois transferida para a rua das Taipas onde aprendendo tudo o que aí se ensinava, se habilitou com o Curso Complementar do Comércio.

Com 16 anos achou um dia no quintal da sua residência uma pequena moeda de 5 reis de D. José. Deslumbrado com a sua antiguidade — perto de 200 anos —, seria este acontecimento que viria a despertar nele o gosto pela numismática. Este numisma, sem qualquer características que o valorizassem, pois era espécie de data vulgar e com estado de conservação apenas regular, já hoje não faz parte da sua colecção com grande desgosto seu.

Entusiasmado com este achado e privando de perto com dois distintos coleccionadores, José Pinto Marques (como seu pai 1.^o Cabo da Guarda Fiscal) e o saudoso José Maria Santiago, ambos muito interes-



Francisco Augusto dos Santos

Francisco Santos, tem desempenhado vários cargos nos vários sectores da S.P.N. É actualmente secretário da Mesa da Assembleia Geral. Distinguiu-se particularmente como tesoureiro, cargo que exerceu durante vários anos, e no desempenho do qual procurou realizar notável obra de aproximação com os dirigentes da filial do Porto do Banco de Portugal, conducente à aquisição, para a massa associativa, de exemplares à flor do cunho das emissões comemorativas, que este importante estabelecimento de crédito ia pondo em circulação.

Características da sua colecção — Dedicase particularmente a espécimes de cobre e prata possuindo valiosas raridades, tanto nacionais como romanas, embora possua também interessantes exemplares estrangeiros, com predilecção para brasileiros e espanhóis.

Coleciona também medalhas, com larga e curiosa representação do tema «Porto».

Este tema «Porto», constitui, aliás, uma faceta inconfundível da sua vivência de colecionador: livros, edições antigas de bilhetes postais, fotografias, objectos vários relacionados com a «Invicta» constituem interessante repositório que muito valoriza a iconografia desta terra de onde «houve nome Portugal».

Constituem, à margem da família, o seu segundo mundo, que conserva com muito carinho, com muito amor, contando um dia transmiti-lo intacto aos seus descendentes para que eles o conservem e ampliem.

Sim, por que bem conhece o preceito da sabedoria popular que diz: *«ninguém larga sem dor o que possui com amor»*.



Francisco Augusto dos Santos

50 %. No caso de ligas pobres ou de peças muito corroídas, um teor de 35 % é já perigoso.

2. A selecção dos produtos utilizados na limpeza, no tratamento e na protecção, deve ser muito rigorosa pondo de parte os produtos comerciais cuja composição seja desconhecida. Convém ter em conta que o ácido e o amoníaco são destrutivos do cobre puro e das ligas de cobre, devendo preferir-se-lhes as soluções alcalinas; pelo contrário, a prata (a despeito da percentagem que apresente) pode limpar-se sem perigo em soluções fracas de amoníaco e deve, quando a redução electro-lítica for aconselhável, ser tratada em electrólito à base de ácido fórmico, porquanto as soluções alcalinas lhe retiram o brilho natural. O chumbo é por seu turno desintegrado tanto por ácidos, especialmente os orgânicos, como por alcalis, desde que não beneficie de protecção catódica.

3. O que acabámos de dizer no número anterior adverte imediatamente sobre os perigos que podem constituir os materiais utilizados na conservação de vitrinas, medalheiros e outros móveis para arrecadação ou exposição de moedas.

As madeiras são de excluir sempre que haja peças de chumbo ou de ligas em que a percentagem deste metal seja elevada; poderão usar-se confiadamente para as ligas de prata e cobre, desde que tenham sido bem seleccionadas quanto à qualidade e ao tratamento que receberam para secagem e imunização.

Além disso, as tintas, os vernizes, os papéis e os tecidos podem também conter ácidos ou elementos neles convertíveis ou ainda enxofre os seus similares que — como toda a gente sabe — enegrecem a prata e podem mesmo corroê-la.

Em princípio, os móveis inteiramente metálicos ou de metal e vidro, são preferíveis. Como suporte, os acrílicos e os polietilenos parecem inofensivos. Convém, todavia, não esquecer que nas condições normalmente oferecidas pelas nossas casas e pelos museus, a circulação e a renovação do ar são imprescindíveis à boa conservação das peças.

4. A luz é quase sempre um factor de alteração, tanto dos materiais orgânicos como inorgânicos. O aumento de temperatura que provoca pode em muitos casos elevar o teor de vapor de água e acelerar as reacções químicas; por outro lado, a qualidade da luz é muito importante: acontece que, no intuito de diminuir o consumo de energia eléctrica, de evitar o calor gerado pelas lâmpadas incandescentes e de conseguir toalidades mais próximas da luz natural, se desenvolveu nos últimos anos o hábito de empregar para iluminação das colecções, a chamada luz fria à base de fluorescência de determinados gases, a qual é altamente